

Corpo "Neblim": a representação do corpo de Diadorim em *Grande sertão: veredas*

[Fernanda Machado](#)

Resumo

O objetivo deste artigo é uma rápida investigação de como o corpo de Diadorim é representado na obra *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Para tanto, propomos uma análise dos principais encontros desse personagem com Riobaldo. Nossa proposta, então, é acompanhar estes encontros e tentar descobrir como a "neblina" se estrutura no corpo de Diadorim.

Palavras-chave: Diadorim. Corpo. Ambigüidade.

Em uma nota manuscrita, publicada na 9ª edição de *Grande sertão: veredas* da Editora José Olympio, Guimarães Rosa faz um pedido àqueles que se dispõem a acompanhar Riobaldo em sua narrativa: "Aos leitores, e aos que escreverem sobre este livro, pede-se não revelar a seqüência de seu enredo, a fim de não privarem os demais *do prazer de descoberta* do GRANDE SERTÃO: VEREDAS." (ROSA, 1974, p. 461, grifo nosso).

Dizendo isso, o autor nos desafia a preservar a estrutura suspensiva que envolve todo o relato "riobaldiano", que, por sua vez, é sustentado por variados enigmas: o demônio existe? Há uma mulher dentro do homem? O prazer de descoberta do *Grande sertão: veredas* incide, então, sobre os mais variados paradoxos. Em nossa pesquisa, elegemos um deles: o enigma corporal de Diadorim. Nosso desafio, então, foi percorrer os encontros de Riobaldo e seu principal companheiro de jagunçagem sem, no entanto, privar os leitores do "prazer de descoberta".

Além disso, também nos colocamos a "procura pela psicanálise". Esta expressão, apesar de gerar um efeito ambíguo, representa bem o diálogo que procuramos desenvolver com esta área do conhecimento. Além de ter sido escolhida como uma veia teórica para fundamentar nossas observações a respeito de Diadorim, a psicanálise nos instigou a conhecer uma nova maneira de investigarmos o corpo. Dessa maneira, refletimos a respeito de questões que o próprio personagem sugere, tais como a irrepresentabilidade e a distinção da sexualidade.

Por pertencer a um universo literário, o corpo de Diadorim é um "corpo de ficção", construído na e pela fala de Riobaldo. Dessa maneira, sofre grande interferência da linguagem para ser representado, inclusive, muitas vezes imagens poéticas serão utilizadas para sua simbolização. Ao ser compreendido como um signifiante, ele escapa à representabilidade plena, pois ocupa o lugar de um saber faltoso na memória de Riobaldo: no caso, o próprio corpo de Diadorim.

Nossa pesquisa foi estruturada a partir dos três encontros que consideramos fundamentais para o enigma corporal do personagem em questão. O primeiro deles, quando ainda estão adolescentes, ocorre às margens do rio de-Janeiro. Ao descrever a cena para seu interlocutor, Riobaldo ressalta a imagem corporal que havia fixado daquele menino que acabara de conhecer: "Aí pois, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando um cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regular a minha idade. Ali estava, com um chapéu-de-couro, de sujigola baixada, e se ria para mim." (ROSA, 1986, p. 85). Na descrição apresentada, a postura masculina, o chapéu-de-couro, a identificação etária, tudo isso faz com que Riobaldo o reconheça como alguém do mesmo sexo, e passa a nomeá-lo apenas como Menino. Entretanto, algumas atitudes deste Menino revelam-se enigmáticas para o narrador. A voz que imitava a de mulher quando foram surpreendidos por um outro rapaz e o pedido para que Riobaldo não urine em sua frente são exemplos de traços conflituosos para a determinação da sexualidade do personagem em questão.

O reencontro ocorre quando estes já estão adultos e inseridos na jagunçagem. Mais uma vez o corpo de Diadorim é fundamental para o reconhecimento deste:

Soflagrante, conheci. O moço, tão variado e vistoso, era, pois sabe o senhor quem, mas quem, mesmo? Era o Menino! [...] E ele se chegou, eu do banco levantei. Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho. [...] O Menino me deu a mão: e o que mão a mão diz é curto; às vezes pode ser mais *adivinhado e conteúdo*; isto também. E ele como sorriu. Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo. Digo. Ele se chamava o Reinaldo (ROSA, 1986, p. 118, grifo nosso).

Neste momento, entretanto, além dos traços corporais, o nome próprio que identifica o personagem também é fundamental para a permanência do enigma. "Reinaldo" é o nome jagunço de Diadorim que reforça o caráter masculino do personagem.

O nome próprio é um termo que acreditamos ser extremamente contribuinte para a lacuna em relação à sexualidade de Diadorim. Mesmo que não seja um órgão ou membro do corpo próprio, proporciona um efeito de identificação do sujeito e entre esse e o outro. Isso demonstra como o corpo constitui-se a partir de uma cadeia simbólica que ultrapassa os traços físicos de um indivíduo.

É possível, então, refletir sobre a carência de significação que um nome pode indicar, de modo que apenas cumpre a função de referir-se a algo. As variadas formas pelas quais o personagem é nomeado – Diadorim, Menino, Reinaldo, Maria Deodorina – nomeação apresentada no batistério ao final do romance – indicam mesmo a dificuldade de atribuir um único significado ao companheiro de Riobaldo e, conseqüentemente, estabilizar seu gênero sexual.

O enigma sobre Diadorim pode ainda ser resumido na definição do próprio narrador: "Diadorim é minha neblina". A neblina que impossibilita a visão plena de uma paisagem é a imagem poética que acreditamos melhor defini-lo. Além de fazer referência ao sentimento ambíguo de Riobaldo pelo companheiro – que transita pelo amor e pelo asco – também ilustra como o corpo do personagem se apresenta na memória do narrador: sempre há algo velado, indefinido ao se tentar compor sua imagem.

A dupla função poética – metafórica e metonímica – do termo neblina aparece em *Grande sertão: veredas* quando, após (re)encontrar Diadorim e ter se incorporado ao bando, o narrador continua a se questionar sobre o motivo de ter conhecido aquele Menino e ter seu destino veiculado ao dele quando fala: "eu vi a neblina encher o vulto do rio, e se estralar da outra banda a barra da madrugada" (ROSA, 1986, p. 121).

Neste trecho, percebemos que neblina é uma das associações feitas por Riobaldo a Diadorim em um movimento de *similaridade* – na qual o personagem assume o lugar metafórico deste elemento – ao mesmo tempo em que neblina é uma das nomeações, é um continente do que o companheiro representa metonimicamente.

A passagem nos encanta, ainda, pela alta carga poética que carrega ao percebermos que não há uma estabilidade de significação, de maneira que a pluralidade de sentidos não se esgota. Ainda assim, uma interpretação relaciona-se à relação amorosa dos personagens.

Ao invertermos a ordem da oração subordinada, temos: “a barra da madrugada se estralar da outra banda”. Mais uma vez a imagem construída é obscura, remete à madrugada, momento do dia em que nem o claro nem o escuro se encontram estáveis. Estralar refere-se a “explodir”, “crepitar” (MARTINS, 2001, p. 209), ações relacionadas ainda a um calor muito forte, de rachar. Com isso reforça-se o atrito entre algo escuro e o que pode se iluminar, como se sempre ficasse algo sem relação entre Riobaldo e Diadorim. Tal movimento aponta para a outra banda do rio – elemento esse extremamente simbólico na fala do narrador.

Podemos entender o rio como um personagem de *Grande sertão: veredas* que chega a ser confundido com o próprio narrador, como afirma Cavalcanti Proença: “Mas ele, Riobaldo, é o ‘rio desmazelado, livre rolator’, despreocupado, feliz, entendendo a linguagem da água.” (PROENÇA, 1958, p. 33). Com isso, a outra banda do rio pode remeter à nova fase na vida de Riobaldo, determinada pelo (re)encontro com Diadorim. Inclusive a relação metafórica entre vida e rio é percebida no seguinte trecho, em que Riobaldo alerta que apesar do destino entrelaçado dos personagens, esses vivenciam travessias diferentes: “Dois rios diferentes – era o que nós dois atravessávamos?” (ROSA, 1986, p. 311).

Finalmente, o último encontro coincide com a morte e revelação da nudez de Diadorim:

Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor – e mercê peço: – mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que *Diadorim era o corpo de uma mulher*, moça perfeita... Estarreci. *A dor não pode mais do que a surpresa* (ROSA, 1986, p. 530, grifo nosso).

O corpo de “carne osso” revela-se mesmo como um “corpo de mulher”. Entretanto, por ter conhecimento do segredo que Diadorim guardava a respeito de sua sexualidade apenas quando se encontra com um corpo morto, Riobaldo não consegue assimilar esse novo sentido, que se torna mesmo inacessível. O enigma permanece, ou melhor, parece ser deslocado do “corpo-neblina” para outros, tais como, qual seria o motivo de se travestir? Com isso em mente, podemos refletir se esse último encontro não seria mesmo o desencadeador da fala de Riobaldo. Não estaria aí a grande descoberta?

Um romance que sugere a releitura ao terminar com o símbolo do infinito também nos faz questionar sobre a delimitação de um início e final precisos. Assim, o que parece é que Riobaldo precisa falar sobre sua experiência na jagunçagem, e mais precisamente sobre a convivência com Diadorim, para tentar preencher algumas lacunas de sua memória. Mais do que isso, parece mesmo querer ultrapassar a “neblina”, e com isso resgata as pistas sobre a feminilidade do companheiro, as quais durante o momento enunciado não havia dado maior importância. Ações como tomar banho no escuro ou fugir quando ferido na perna, ou mesmo a própria feição – descrita sempre como bela e emblemática – em contraponto com as atitudes do bravo

guerreiro Reinaldo são traços de Diadorim que sugerem que o enigma ainda não foi desvendado por completo. Riobaldo, durante sua fala, apresenta, portanto, o conflito entre o que era dado a conhecer sobre o companheiro durante o momento vivido e aquilo que já conhece no momento em que relata sua estória. Tal estratégia faz com que o interlocutor e, por conseqüência, o leitor compartilhem com ele esta vivência na busca de desvendar Diadorim. Todavia, algo sempre escapa em tal travessia, e o sentido pleno e preciso sobre a verdadeira identidade do personagem não é jamais esgotado. Desse modo, o enigma é deslocado para outros e a ambigüidade permanece como mais um convite para uma (re)leitura do romance.

O feminino de Diadorim, por sua vez, é anunciado em diversas outras passagens. Inclusive, vale ressaltar a presença determinante de mulheres na introdução dos encontros de Riobaldo e Diadorim. No primeiro, há a presença marcante da mãe do narrador, Bigri, que estimula o filho a ir pagar promessa no porto; no segundo, para reencontrar o Menino, é fundamental o compromisso que Riobaldo havia estabelecido com a filha de Malinácio; por fim, a morte de Diadorim é anunciada pela mulher de Hermógenes, responsável pela revelação do segredo do corpo do personagem.

Por outro lado, a relação estabelecida por Riobaldo com o corpo nu e feminino de Diadorim alude à impossibilidade de reconhecimento do feminino pelo inconsciente. Como afirmou Freud, apenas o falo – como significante presente ou ausente – é reconhecido e determina a diferenciação entre sexos.

Assim, a perplexidade de Riobaldo ao encontrar-se com a mulher Diadorim reflete a dificuldade de distinção da sexualidade entre os seres humanos, que não está circunscrita apenas na anatomia de cada um, mas envolve fatores, principalmente, relacionados ao inconsciente. No artigo "Sexualidade Feminina", Freud demonstra como a diferença entre os sexos está fundamentada no encontro do objeto libidinal: "à mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto" (FREUD, 1974, p. 263).

Contudo, a identidade sexual de Diadorim não parece se fixar em um único gênero, o que já impulsionou grande parte da crítica roseana a identificá-lo como um ser andrógino. Um bom exemplo é o reconhecido estudo "O amor na obra de Guimarães Rosa", de Benedito Nunes, que, ao apresentar os diferentes tipos de amor que Nhorinhá, Otacília e Diadorim despertavam em Riobaldo, demonstra como a figura do andrógino é mesmo uma reflexão do contraditório sentimento despertado por Diadorim: "O andrógino [...] é a espécie primitiva da humanidade, que se teria dividido em dois seres incompletos que se buscam, movidos pela força original de *Eros*, cada qual ativado por um princípio complementar do outro. Da união deles resultaria a *coincidentia oppositorum*" (NUNES, 1969, p. 164). Realmente essa é a leitura com a qual mais identificamos o personagem, uma vez que no decorrer deste estudo percebemos a impossibilidade de determinar Diadorim apenas como um bravo guerreiro, um homem; ou uma virgem donzela, mulher. Na verdade, Guimarães Rosa sintetiza em Diadorim, de uma maneira extremamente complexa, os pólos masculino e feminino existentes em cada ser humano.

Abstract

The goal of this article is an investigation of how the body of Diadorim is represented in the book *Grande sertão: veredas* by Guimarães Rosa. For that, we propose an analysis of the main encounters of this character with Riobaldo. Our proposal is to

follow these encounters and try to discover how the “fog” structures itself in the body of Diadorim.

Keywords: Diadorim. Body. Ambiguity.

Referências

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2001.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre: ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Trilhas no Grande sertão*. Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958. (Os cadernos de cultura, 114).

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 36 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.